

Liga de leitura: Confraria da Su



QUARTO DE DESPEJO:

*Um olhar sobre a
vida do brasileiro*

Professores: Glauce Anunciação e José Neto

CAROLINA DE JESUS E SEU “QUARTO DE DESPEJO”



“Entrei na história deste livro como jornalista (...). Repórter, fui encarregado de escrever uma matéria sobre uma favela que se expandia na beira do rio Tietê, no bairro do Canindé. Lá, no rebuliço favelado, encontrei a negra Carolina, que logo se colocou como alguém que tinha o que dizer. E tinha! Tanto que, na hora, desisti de escrever a reportagem. A história da favela que eu buscava estava escrita em uns vinte cadernos encardidos que Carolina guardava em seu barraco. Li, e logo vi: repórter nenhum, escritor nenhum poderia escrever melhor aquela história – a visão de dentro da favela.”

Audálio Dantas.

Nascida em 14 de maio de 1914, em Sacramento, uma comunidade rural em Minas Gerais, **Carolina Maria de Jesus** foi uma escritora que surgiu do improvável. Conforme disse **Audálio Dantas**, Carolina foi descoberta no cotidiano da favela do Canindé, durante o trabalho do jornalista.

“Quarto de despejo: diário de uma favelada” foi publicado em 1960. Ganhou o mundo, sendo traduzido em 14 idiomas. É um compilado de 20 cadernos-diário da mineira que, neles, retratava seu cotidiano, mesclando a oralidade e o lirismo poético em sua escrita.

Mãe de João José de Jesus, José Carlos de Jesus e Vera Eunice de Jesus Lima, Carolina era uma mulher semianalfabeta de senso crítico aguçado. Conhecia da literatura por ser amante dos livros, tanto que se iniciou à leitura com “Escrava Isaura”, de Bernardo Guimarães. Mudou-se de Minas para São Paulo na busca por melhores condições de vida.

Na favela, Carolina construiu seu barraco e, nessa época, trabalhou como coletora de papéis. Tinha dificuldades de viver com sua vizinha, o que a levou à solidão. Dessa vida solitária, saíram seus diários, uma vez que a escrita lhe servia de escape aos desafios da vida.

“Eu não tenho casa/ Nem comida pra comer/ Ai, meu Deus, trabalho tanto/ E vivo nesse miserê”.

Carolina Maria de Jesus, “Noamba”.

QUARTO DE DESPEJO: UM OLHAR SOBRE A PESSOA POBRE

15 de julho de 1955

Aniversário de minha filha Vera Eunice. Eu pretendia comprar um par de sapatos para ela. Mas o custo dos generos alimenticios nos impede a realização dos nossos desejos. Atualmente somos escravos do custo de vida. Eu achei um par de sapatos no lixo, lavei e remendei para ela calçar.

Eu não tinha um tostão para comprar pão. Então eu lavei 3 litros e troquei com o Arnaldo. Ele ficou com os litros e deu-me pão. Fui receber o dinheiro do papel. Recebi 65 cruzeiros. Comprei 20 de carne. 1 quilo de toucinho e 1 quilo de açúcar e seis cruzeiros de queijo. E o dinheiro acabou-se.

Passsei o dia indisposta. Percebi que estava resfriada. A noite o peito doia-me. Comecei tussir. Resolvi não

sair a noite para catar papel. Procurei meu filho João José. Ele estava na rua Felisberto de Carvalho, perto do mercadinho. O onibus atirou um garoto na calçada e a turba afluiu-se. Ele estava no núcleo. Dei-lhe uns tapas e em cinco minutos ele chegou em casa.

Ablui as crianças, aleitei-as e ablui-me e aleitei-me. Esperei até as 11 horas, um certo alguém. Ele não veio. Tomei um melhoral e deitei-me novamente. Quando despertei o astro rei deslisava no espaço. A minha filha Vera Eunice dizia: — Vai buscar agua mamãe!



A pobreza é um grande assunto que podemos encontrar em “Quarto de Despejo: diário de uma favelada”.

Em todo o livro, nota-se a subcondição de vida enfrentada pelos moradores da favela do Canindé. O trecho posto revela o dia angustiante de uma mãe (solo) negra, catadora de papel e pobre que se vê obrigada a sacrificar as necessidades de vestuário da filha em nome de outra maior: a da alimentação.

A pressão da falta de recursos é evidenciada em vários momentos do texto: “Cheguei em casa, aliás no meu barracão, nervosa e exausta. Pensei na vida atribulada que eu levo. Cato papel, lavo roupa para dois jovens, permaneço na rua o dia todo. E estou sempre em falta. A Vera não tem sapatos.”.



Na época da narrativa, o **contexto social** do Brasil e do Estado de São Paulo era o seguinte:

➤ **Presidente da república:** Juscelino Kubitschek.

➤ **Governador do Estado de São Paulo:** Adhemar de Barros.

➤ **Prefeito da cidade de São Paulo:** Jânio Quadros.

➤ **Economicamente**, o Brasil vivenciava a **explosão da indústria automobilística**, sendo São Paulo um importante polo nesse momento. De modo não planejado, essa cidade recebeu muitas pessoas em busca emprego. Grande número desses indivíduos não conseguiu se empregar, o que gerou um cenário de **pobreza e disparidade social** em SP.

➤ **INTERDISCURSIVIDADE NO TEMA DA POBREZA**

De forma geral, há muitas possibilidades de se estabelecer diálogos entre essa obra de Carolina Maria de Jesus e outras produções. Veja uma possibilidade:

OS MISERÁVEIS

Na obra, é apresentada ao leitor a jovem Fantine, que é posta em situação de vulnerabilidade por ser mãe solteira.



Não tinha mais conhecidos. Mas encontrou um emprego na fábrica. Passou a viver do seu trabalho e, novamente, teve esperanças. (...) Pensava na filha, Cosette, e sonhava com um futuro melhor. Por não ser casada, não tinha coragem de contar a ninguém sobre sua filhinha. Entretanto, logo começaram os mexericos. As colegas da fábrica falavam dela com hostilidade. Como não sabia escrever, Fantine pagava para um senhor redigir suas cartas aos Thénardier pedindo notícias de Cosette. Uma vizinha conseguiu o endereço. Viajou para saber a verdade. (...) A superintendente da fábrica chamou Fantine e a demitiu (...), pois exigia moral das funcionárias.

“(...) o pobre não repousa. Não tem o privilegio de gosar descanso.” (Carolina de Jesus)



QUARTO DE DESPEJO: UM OLHAR SOBRE A VIDA NA FAVELA

19 de julho de 1955

Despertei as 7 horas com a conversa dos meus filhos. Deixei o leito, fui buscar água. As mulheres já estavam na torneira. As latas em fila. (...) Chegou a minha vez, puis a minha lata para encher. A água começou diminuir na torneira. Começaram a falar da Rosa. Que ela carregava água desde as 4 horas da madrugada, que ela lavava toda roupa em casa. Que ela precisa pagar 20 cruzeiros por mês. Minha lata encheu, eu vim embora.

(...) Cheguei em casa, fiz o almoço. Enquanto as panelas fervia eu escrevi um pouco. Dei o almoço as crianças, e fui no Klabin catar papel. Deixei as crianças brincando no quintal. Tinha muito papel. Trabalhei depressa pensando que aquelas bestas humanas são capás de invadir o meu barracão e maltratar meus filhos. Trabalhei apreensiva e agitada. (...) Elas costuma esperar eu sair para vir no meu barracão espancar os meus filhos. Justamente quando eu não estou em casa. Quando as crianças estão sosinhas e não podem defender-se. (...) Quando as mulheres feras invade o meu barraco, os meus filhos lhes joga pedras. Elas diz:

– Que crianças mal educadas!

Eu digo:

– Os meus filhos estão defendendo-me. Vocês são incultas, não pode compreender. Vou escrever um livro referente a favela. Hei de citar tudo que aqui se passa. E tudo que vocês me fazem. Eu quero escrever o livro, e vocês com estas cenas desagradáveis me fornece os argumentos.

A Silvia pediu-me para retirar o seu nome do meu livro. (...) Ela disse:



– A única coisa que você sabe fazer é catar papel. Eu disse:

– Cato papel. Estou provando como vivo!

... Estou residindo na favela. Mas se Deus me ajudar hei de mudar daqui. Espero que os políticos extingue as favelas. Há os que prevalecem do meio em que vive, demonstram valentia para intimidar os fracos. Há casa que tem cinco filhos e a velha é quem anda o dia inteiro pedindo esmola. Há as mulheres que os esposos adoece e elas no penado da enfermidade mantem o lar. Os esposos quando vê as esposas manter o lar, não saram nunca mais.

A vida na favela é outro importante ponto a ser observado no livro. Pelos olhos de Carolina



Maria de Jesus, vemos que a favela é um lugar não só de precariedades, mas também de difíceis relacionamentos, conforme mostra o trecho posto. Ao cotidiano nesse espaço, podemos visualizar do seguinte modo:

➤ Espaço onde vivem os indesejados: (trecho do dia 13 de maio de 1958) *"...Eu classifico São Paulo assim: O Palácio, é a sala de visita. A Prefeitura é a sala de jantar e a cidade é o jardim. E a favela é o quintal onde jogam os lixos."*

➤ Lugar onde a vida é difícil: (trecho do dia 22 de maio de 1958) *"Duro é o pão que comemos. Dura é a cama que dormimos. Dura é a vida do favelado."*

➤ Local onde o caráter das pessoas é maculado: (trecho do dia 20 de maio de 1958) *"As vezes mudam algumas famílias para a favela, com crianças. No início são educadas, amáveis. Dias depois usam o calão, são soezes e repugnantes. São diamantes que transformam em chumbo. Transformam-se em objetos que estavam na sala de visita e foram para o quarto de despejo."*



INTERDISCURSIVIDADE NO TEMA DA VIVÊNCIA

Uma das obras que mais se aproxima do texto de Carolina de Jesus é "O cortiço", de Aluísio de Azevedo. Observe a mudança que o meio opera no personagem Jerônimo:

O CORTIÇO

Passaram-se semanas. Jerônimo tomava agora, todas as manhãs, uma xícara de café bem grosso, à moda da Ritinha, e tragava dois dedos de parati "pra cortar a friagem".

Uma transformação, lenta e profunda, operava-se nele, dia a dia, hora a hora (...). A sua energia afrouxava lentamente: fazia-se contemplativo e amoroso. A vida americana e a natureza do Brasil patenteavam-lhe agora aspectos imprevisos e sedutores que o comoviam; esquecia-se dos seus primitivos sonhos de ambição; para idealizar felicidades novas, picantes e violentas; tornava-se (...) mais amigo de gastar que de guardar; adquiria desejos, tomava gosto aos prazeres, e volvia-se preguiçoso resignando-se, vencido, às imposições do sol e do calor (...). E assim, pouco a pouco, se foram reformando todos os seus hábitos singelos de aldeão português: e Jerônimo abrigou-se.



"Quando eu vou na cidade tenho a impressão que estou no paraizo. (...) Aquelas paisagens não de encantar os olhos (...) que ignoram que a cidade mais afamada da América do Sul está enferma. Com as suas úlceras. As favelas." (Carolina de Jesus)



QUARTO DE DESPEJO: UM OLHAR SOBRE A FOME



13 de maio de 1958

Hoje amanheceu chovendo. É um dia simpático para mim. É o dia da Abolição. Dia que comemoramos a libertação dos escravos.

...Nas prisões os negros eram os bodes expiatorios. Mas os brancos agora são mais cultos. E não nos trata com desprezo. Que Deus ilumine os brancos para que os pretos sejam feliz.

Continua chovendo. E eu tenho só feijão e sal. A chuva está forte. Mesmo assim, mandei os meninos para a escola. Estou escrevendo até passar a chuva, para eu ir

lá no senhor Manuel vender os ferros. Com o dinheiro dos ferros vou comprar arroz e linguiça. A chuva passou um pouco. Vou sair. ...Eu tenho tanto dó dos meus filhos. Quando eles vê as coisas de comer eles brada:

– Viva a mamãe!

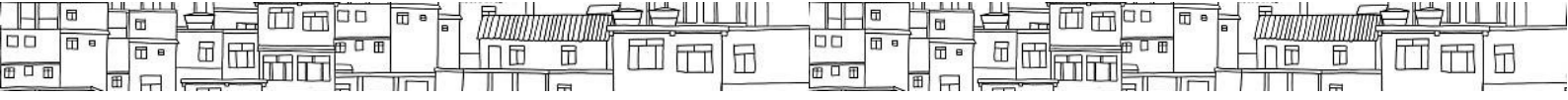
A manifestação agrada-me. Mas eu já perdi o hábito de sorrir. Dez minutos depois eles querem mais comida. Eu mandei o João pedir um pouquinho de gordura a Dona Ida. Ela não tinha. Mandei-lhe um bilhete assim:

– “Dona Ida peço-te se pode me arranjar um pouco de gordura, para eu fazer uma sopa para os meninos. Hoje choveu e eu não pude catar papel. Agradeço, Carolina”.

...Choveu, esfriou. É o inverno que chega. E no inverno a gente come mais. A Vera começou pedir comida. E eu não tinha. Era a reprise do espetáculo. Eu estava com dois cruzeiros. Pretendia comprar um pouco de farinha para fazer um virado. Fui pedir um pouco de banha a Dona Alice. Ela deu-me a banha e arroz. Era 9 horas da noite quando comemos. E assim no dia 13 de maio de 1958 eu lutava contra a escravatura atual – a fome!

A fome é a principal temática abordada por Carolina, indissociável de uma crítica à política vigente na década de 50. Veja como estes pontos aparecem na obra:

➤ Crítica ao descaso dos governantes com as pessoas mais pobres: (trecho do dia 5 de novembro de 1958) “Despertei. Não adormeci mais. Comecei sentir fome. E quem está com fome não dorme. Quando Jesus disse para as mulheres de Jerusalem: – “Não choreis por mim. Choraí por vós’ – suas palavras profetisava o governo do Senhor Juscelino. Penado de agruras para o povo brasileiro. Penado que o pobre há de comer o que encontrar no lixo ou então dormir com fome. Você já viu um cão quando quer segurar a cauda com a boca e fica rodando sem pegá-la? É igual o governo do Juscelino!”.



➤ **Crítica social à falta de empatia pelo outro:** (trecho do dia 17 de maio de 1958)
"Levantei nervosa. Com vontade de morrer. Já que os pobres estão mal colocados, para que viver? Será que os pobres de outro País sofrem igual aos pobres do Brasil? Eu estava discontente que até cheguei a brigar com meu filho José Carlos sem motivo.

...Chegou um caminhão aqui na favela. O motorista e o seu ajudante jogam umas latas. É linguiça enlatada. Penso: é assim que fazem esses comerciantes insaciáveis. Ficam esperando os preços subir na ganancia de ganhar mais. E quando apodrece jogam fora para os corvos e os infelizes favelados.

Não houve briga. Eu até estou achando isto aqui monotonico. Vejo as crianças abrir as latas de linguiça e exclamar satisfeitas:

- Hum! Tá gostosa!

A dona Alice deu-me uma para experimentar. Mas a lata está estufada. Já está podre."

➤ **Crítica à falta de iniciativa para se resolver a questão da fome:** (trecho do dia 10 de maio de 1958)

"Fui na delegacia e falei com o tenente. Que homem amável! Se eu soubesse que ele era tão amável, eu teria ido na delegacia na primeira intimação. (...). O tenente interessou-se pela educação dos meus filhos. Disse-me que a favela é um ambiente propenso, que as pessoas tem mais possibilidades de delinquir do que tornar-se útil à pátria e ao país. Pensei: Se ele sabe disto, porque não faz um relatório e envia para os políticos? O senhor Janio Quadros, o Kubstchek e o Dr. Adhemar de Barros? Agora falar para mim, que sou uma pobre lixeira. Não posso resolver nem as minhas dificuldades.

...O Brasil precisa ser dirigido por uma pessoa que já passou fome. A fome também é professora. Quem passa fome aprende a pensar no próximo, e nas crianças."

➤ **INTERDISCURSIVIDADE NO TEMA DA FOME**

A música brasileira também é uma importante fonte de temáticas que dialogam com "Quarto de Despejo". Observe algumas possibilidades:

COMIDA – TITÃS

Bebida é água! Comida é pasto!

Você tem sede de quê? Você tem fome de quê?

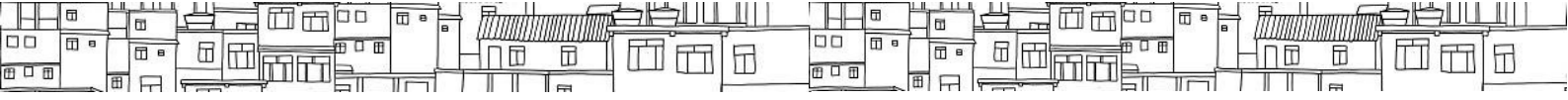
A gente não quer só comida.

A gente quer comida, diversão e arte.

A gente não quer só comida.

A gente quer saída para qualquer parte.





A gente não quer só comida.
A gente quer bebida, diversão, balé.
A gente não quer só comida.
A gente quer a vida como a vida quer.
A gente não quer só comer.
A gente quer comer e quer fazer amor.
A gente não quer só comer.
A gente quer prazer pra aliviar a dor
A gente não quer só dinheiro,
a gente quer dinheiro e felicidade
A gente não quer só dinheiro
A gente quer inteiro e não pela metade.
Desejo, necessidade, vontade é...

TRECHOS DE MAIS 2 CANÇÕES



*"Se abolir a escravidão Do caboclo brasileiro Numa mão educação
Na outra dinheiro". (Skank)*

*"Häagen-dazs de mangaba
Chateau canela-preta
Cachaça made in Carmo
dando a volta no planeta
Caboclo presidente
Trazendo a solução
Livro pra comida,
prato pra educação".
(Paralamas do Sucesso)*



"Eu já fiz o almoço – hoje foi almoço. Tinha arroz, feijão e repolho e lingüiça. Quando eu faço quatro pratos penso que sou alguém. Quando vejo meus filhos comendo arroz e feijão, o alimento que não está ao alcance do favelado, fico sorrindo à toa como se eu estivesse assistindo um espetáculo deslumbrante" (Carolina de Jesus)



QUARTO DE DESPEJO: UM OLHAR SOBRE A LINGUAGEM

12 de junho de 1958

Eu deixei o leito às 3 da manhã porque quando a gente perde o sono começa pensar nas misérias que nos rodeia. [...] Deixei o leito para escrever. Enquanto escrevo vou pensando que resido num castelo cor de ouro que reluz na luz do sol. Que as janelas são de prata e as luzes de brilhantes. Que a minha vista circula no jardim e eu contemplo as flores de todas as qualidades. [...] É preciso criar este ambiente de fantasia, para esquecer que estou na favela. Fiz o café e fui carregar água. Olhei o céu, a estrela D'alva já estava no céu. Como é horrível pisar na lama. As horas que sou feliz é quando estou residindo nos castelos imaginários (...).

13 de junho de 1958

...Vesti as crianças e eles foram para a escola. Eu fui catar papel. No frigorífico vi uma mocinha comendo salsichas do lixo.

- Você pode arranjar um emprego e levar uma vida reajustada. Ela perguntou-me se catar papel ganha dinheiro. Ela disse-me que quer um serviço para andar bem bonita. Ela está com 15 anos. Época que achamos o mundo maravilhoso. Época em que a rosa desabrocha. Depois vai caindo pétala por pétala e surgem os espinhos. Uns cansam da vida, suicidam. Outros passam a roubar. (...) Olhei o rosto da mocinha. Está com boqueira (...).

... Os bons eu enalteço, os maus eu critico. Devo reservar as palavras suaves para os operários, para os mendigos, que são escravos da miséria.



28 de maio de 1959

A vida é igual um livro. Só depois de ter lido é que sabemos o que encerra. E nós quando estamos no fim da vida é que sabemos como nossa vida decorreu. A minha, até aqui, tem sido preta. Preta é a minha pele. Preto é o lugar onde eu moro.



O gênero diário é uma narrativa subjetiva e intimista, que costuma apresentar uma linguagem mais coloquial, marcada pela oralidade própria daquele “eu” que escreve – no caso, a própria autora, **Carolina Maria de Jesus**.

➤ **História de Carolina com a leitura:** Ela aprendeu a ler e escrever com os cadernos, revistas e jornais que encontrava pelas ruas. Era **autodidata**, sabia a importância da educação. Isso se refletiu na **linguagem empregada no diário**, pois **apresenta desvios da norma padrão da Língua Portuguesa ao mesclar o formal com o informal** (mas, veja, inconscientemente, a maioria de nós faz isso!!!). **Em alguns momentos, vemos termos como “educação”, mas também outros como “funestas”.**

➤ **Curiosidade sobre a edição do diário:** O texto de Carolina de Jesus foi publicado com alguns cortes. Seria essencial manter a linguagem da autora, porque, mais do que simples desvios gramaticais, **essas questões linguísticas constituem essa mulher pobre e negra, que foi tão marginalizada e renegada socialmente** e que representa tantas outras mulheres no país.

➤ **Dúvidas acerca da autenticidade da obra:** Alguns críticos e jornalistas, como Wilson Martins, começaram a duvidar da autenticidade da autoria dos relatos de **“Quarto de Despejo”** por conta da origem humilde de **Carolina de Jesus**. Diziam para Audálio Dantas: **“Rapaz, você teve um trabalhão para inventar o livro da negra!”**. Manuel Bandeira lavou a honra do repórter. Em texto para “O Globo”, o poeta “menor” escreveu que **ninguém seria capaz de “inventar” um texto como o de Carolina de Jesus**. O crítico Wilson Martins atacou duro e disse que o livro era um **“embuste”**. Em uma segunda crítica, frisou que a história **“não podia ser de Carolina”**. **Porque “continha expressões rebuscadas como ‘astro-rei’ em vez de sol, simplesmente; ou frases inteiras, como ‘acordei, abluí-me e aleitei-me’, o que, jurava [Wilson Martins], só podia ser coisa de jornalista parnasiano”.**



INTERDISCURSIVIDADE NO TEMA DA LINGUAGEM

PERTO DO CORAÇÃO SELVAGEM

“Preso, preso. Onde está a imaginação? Ando sobre trilhos invisíveis. Prisão, liberdade. São essas as palavras que me ocorrem. No entanto não são as verdadeiras, únicas e insubstituíveis, sinto-o. Liberdade é pouco. O que desejo ainda não tem nome.”

Uma das dificuldades enfrentadas por Clarice Lispector para publicar seu primeiro livro foi a credibilidade da autoria. Críticos da literatura duvidam que uma moça tão jovem pudesse publicar um texto com aquele nível de linguagem.





QUARTO DE DESPEJO NA DISSERTAÇÃO- ARGUMENTATIVA

Veja o tema:

Tome os textos acima como meros motivadores temáticos e faça sua dissertação argumentativa. Selecione, organize e relacione ideias, fatos e opiniões para defender seu ponto de vista e suas propostas, sem ferir os direitos humanos, quanto ao tema:

DESAFIOS DA HABITAÇÃO: A REALIDADE DA MORADIA NO BRASIL

Disponível em: <https://suzanaluz.com.br/assets/uploads/post/capa/59ea6-proposta-de-redacao-4-1-.pdf>. Acessado em 09 de abr de 2021.

Leia a proposta de introdução para este tema.

Em "Quarto de despejo: diário de uma favelada", tratando da realidade da moradia, Carolina Maria de Jesus constrói uma metáfora para São Paulo segundo a qual essa cidade seria uma grande casa: o palácio era visto como a sala de visita dessa casa; a prefeitura, a sala de jantar; a cidade, o jardim; e a favela; o quintal onde se joga lixo. Obviamente, por meio da alegoria, a escritora mineira denunciou o descaso das instituições governamentais da época para com a condição de morada dos mais desvalidos. Hoje, ainda que esse cenário tenha melhorado significativamente, persiste uma vulnerabilidade quanto à habitação que afeta os brasileiros mais pobres ligada, sobretudo, à estrutura precária dos bairros marginalizados e à moradia irregular, problemas que requerem urgente intervenção do governo.


O grande segredo para se empregar o repertório literário de modo pertinente e produtivo em seu texto é construir didaticamente seu parágrafo – e, claro, antes disso, selecionar adequadamente esse repertório. Observe os passos:

➤ **Cite em período isolado o intertexto:** seja claro, direto e sucinto.

➤ **Crie um período para ler o intertexto:** explique a crítica contida na citação em poucas palavras.

➤ **Contextualize o repertório e opine sobre ele, em período isolado:** relacione o intertexto ao tema de redação e, depois, faça uma leitura opinativa sobre tudo, apresentando a problemática abordada por você.

Dica final: se previamente identificar as tematizações existentes na obra literária que quer citar em seus textos, você terá maior facilidade de entender em qual tema de redação essa citação se encaixa.





AGORA É COM VOCÊ...

Na tabela abaixo, elenque quais tematizações você consegue perceber na obra de Carolina Maria de Jesus. Identifique os trechos do diário e apresente interdiscursividades também, porque, certamente, elas poderão ser empregadas em outros lugares desse mesmo texto.

Trecho do diário	Tematização	Interdiscursividade

Siga-nos no instagram:



Prof José Neto.

@neto.cgb

Prof Glauce Anunciação.

@glauceanunciacao



Curso de redação professora Suzana Luz: @suzanaluzredacao





REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1) Quarto de Despejo: diário de uma favelada. Disponível em:

https://culturaemarxismo.files.wordpress.com/2019/02/edoc.site_1960-quarto-de-despejo-carolina-maria-de-jesuspdf.pdf. Acessado em 07 de abr de 2021.

2) Carolina de Jesus. Moamba. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/carolina-maria-de-jesus/moamba/>. Acessado em 07 de abr de 2021.

3) Victor Hugo. Os Miseráveis. Disponível em:

<http://www.foztarquiniusantos.seed.pr.gov.br/redeescola/escolas/11/830/333/arquivos/Fi le/miseraveis.pdf>. Acessado em 07 de abr de 2021.

4) Aluísio de Azevedo. O Cortiço. Disponível em:

<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ua00021a.pdf>. Acessado em 07 de abr de 2021.

5) Titãs. Comida. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/titas/91453/>. Acessado em 07 de abr de 2021.

6) Skank. Pacato Cidadão. Disponível em: <https://www.vagalume.com.br/skank/pacato-cidadao.html>. Acessado em 07 de abr de 2021.

7) Paralamas do Sucesso. Loirinha Bombril. Disponível em:

<https://www.vagalume.com.br/paralamas-do-sucesso/lourinha-bombril.html>. Acessado em 07 de abr de 2021.

8) Clarice Lispector. Perto do Coração Selvagem. Disponível em:

https://www.ebiografia.com/clarice_lispector_poemas/. Acessado em 07 de abr de 2021.

9) O Cortiço, imagens. Disponível em: <http://www.blogletras.com/2016/12/o-cortico-como-expositor-das-mazelas-e.html>. Acessado em 07 de abr de 2021.

10) Quarto de Despejo, imagens. Disponível em:

https://www.google.com.br/search?q=carolina+maria+de+jesus&tbn=isch&hl=pt-BR&chips=q:carolina+maria+de+jesus,g_1:caricatura. Acessado em 07 de abr de 2021.

